

Efemérides

Amanhã, dia 14 de Julho, é feriado nacional em França e o dia em que passam cem anos sobre o nascimento de Ingmar Bergman. O Festival de Almada acaba por estar ligado a estas duas efemérides, através do conjunto de actividades que antecede a apresentação de *Estado de sítio* no Teatro São Luiz e acolhendo, às 22h, no Palco Grande da Escola D. António da Costa, *A meio da noite*, uma homenagem de Olga Roriz ao realizador sueco.

Estado de sítio, o texto de Camus que Emmanuel Demarcy-Mota resolveu levar à cena em 2015, na sequência dos atentados que abalaram Paris, apresenta-se amanhã, às 21h, na Sala Luis Miguel Cintra do Teatro São Luiz, numa produção do Théâtre de la Ville. Duas horas antes, na Sala Bernardo Sassetti, tem início uma programação especial, transmitida em directo para o teatro parisiense e desenhada por ocasião dos 20 anos do Acordo de Amizade Paris – Lisboa. Assim, às 19h, haverá um baile e uma performance participativa “com a cumplicidade do coreógrafo José Montalvo”, e, às 20h, Emmanuel Demarcy-Mota fará uma pequena apresentação, seguindo-se a leitura

de textos de Albert Camus pelo rapper, escritor e cineasta francês Abd al Malik, acompanhado pela rapper e autora portuguesa Capicua. Meia hora depois, dois jovens portugueses hão-de juntar-se ao encenador e a Abd al Malik para lerem “uma mensagem de apelo aos jovens do século XXI, na construção do futuro”. A entrada é livre e está sujeita à lotação da sala.

Huis clos sentimental

Com *A meio da noite*, Olga Roriz volta aos autores que a inspiram e à linguagem cinematográfica que, desde muito cedo, contaminou as suas criações. O espectáculo resulta do mergulho nos guiões e nos filmes de Ingmar Bergman (com particular destaque para *A*



Estado de sítio é uma fábula política e a Peste é uma das protagonistas



A meio da noite estreou em Abril e é fruto da paixão de Olga Roriz pelo cinema

hora do lobo, *A paixão de Ana*, *O silêncio*, *A vergonha*, *Lágrimas e suspiros* e *Cenas da vida conjugal*, de onde vem o título), mas também da visita da coreógrafa à ilha de Fårö, onde o realizador sueco foi sepultado. Para a criadora, a obra de Bergman acabou por converter-se num “huis clos sentimental” povoado por sete intérpretes que, no início do es-

pectáculo, se encontram à volta de uma mesa para discutirem os avanços das suas pesquisas sobre a obra do realizador e para criarem as cenas de um futuro espectáculo. Deste modo, *A meio da noite* não se debruça apenas sobre “a temática existencialista de Bergman”, confirma Olga Roriz. É, simultaneamente, “uma peça sobre o processo de criação”.

Um debate a não perder

A par dos espectáculos, o Festival de Almada não vive sem os habituais espaços de encontro que convidam à reflexão. Amanhã, às 10h30, fala-se de catástrofes culturais e de ecopolítica na Casa da Cerca. A entrada é livre.

A ideia de catástrofe e de fim já não é, hoje, uma representação milenarista ou uma construção escatológica esotérica. Ela corresponde a um medo baseado em algo bem real: a catás-

trofe ecológica em curso coloca o homem na iminência da extinção. O que significa esta capacidade que o homem tem de pensar a sua própria extinção e, no entanto, continuar o seu curso irreversí-

vel? Este é o tema da conferência de Frédéric Neyrat, autor de livros importantes sobre esta questão e sobre a relação da política com a ecologia, de maneira a desenvolver o pensamento de uma ecopolítica.

A discussão deste tema prolongar-se-á num debate mediado por António Guerreiro – que, por sua vez, toma a ideia de catástrofe de maneira menos literal para a aplicar a alguns “abalos sísmográficos” que sofreram algumas das fundações clássicas do universo cultural, quando as regras da produção, recepção crítica e difusão foram sujeitas ao nivelamento e à rasura impostos pela lógica da mercadoria e do espectáculo. Também aqui, no campo cultural, se assiste a desastres “ecológicos”, a extinções várias (e espécies em risco) e a proliferações descontroladas

Obrigado, Yvette

O Festival de Almada prestou ontem homenagem a Yvette K. Centeno. No palco, para falar sobre a professora, poetisa e tradutora, estiveram Rodrigo Francisco; Inês de Medeiros, presidente da Câmara Municipal de Almada; Teresa Gafeira, atriz e co-fundadora da Companhia de Teatro de Almada; e ainda Carla Ferreira de Castro, professora auxiliar na Universidade de Évora. Rodrigo Francisco começou por partilhar com o público a reacção de Yvette Centeno ao tomar conhecimento da homenagem que pretendiam fazer-lhe: primeiro mostrou-se grata, depois apressou-se a fazer listas com nomes de personalidades que, no seu entender, eram mais merecedoras do tributo. Em seguida,



Yvette Centeno recebeu das mãos de Rodrigo Francisco uma escultura de António Vidigal

Carla Ferreira de Castro tomou a palavra para recordar o percurso e a obra da professora e Teresa Gafeira leu “*uma carta para a Yvette, com as canções de Brecht ao fundo*”, desvendando os bastidores do espectáculo que a CTA apresentou em 2008 e no qual Yvette Centeno esteve envolvida como tradutora.

A presidente da Câmara Municipal de Almada colocou a personalidade homenageada entre as suas principais referências. Yvette Centeno agradeceu a todos os presentes, comparando a homenagem a “*um doutoramento honoris causa*” que a fez sentir “*uma alegria verdadeira*”.

RESTAURANTE DA ESPLANADA

HOJE

- Rolo de carne c/ tâmaras e bacon
 - Açorda de camarão frito
- Salada de manga e arroz de coco

AMANHÃ

- Bolonhesa c/ sabores tailandeses
 - Salmão em papillote
- Guisado de acelgas (ou espinafres) c/ grão-de-bico e tamarindo

AGENDA DE AMANHÃ

ENCONTRO DA CERCA

10:30 **Sob o signo da catástrofe**

Casa da Cerca

ESPECTÁCULO DE SALA

15:00 **Melodramas de horror**

Fórum Romeu Correia

19:00 **A tecedura do caos**

Teatro Municipal Joaquim Benite

MÚSICA

20:30 e 24:00 **Edison Otero & The Latin Jazz Collective**

Escola D. António da Costa

ESPECTÁCULO DE SALA

21:00 **Estado de sítio**

Teatro São Luiz

21:00 **Nada de mim**

Teatro da Politécnica

21:30 **Carmen**

Teatro da Trindade

21:30 **Colónia penal**

Teatro do Bairro

ESPECTÁCULO DE RUA

21:30 **On Air**

Praça da Portela (Feijó/Laranjeiro)

22:00 **Affetto d'Amore**

Rua Cândido dos Reis (Cacilhas)

ESPECTÁCULO DE SALA

22:00 **A meio da noite**

Escola D. António da Costa

Questionar e olhar para trás

Olga Roriz despediu-se ontem do grupo de formandos que, este ano, participou na quinta edição de *O sentido dos Mestres*. No último dia, dedicado à dramaturgia na dança, a coreógrafa elencou os temas a que volta recorrentemente. São eles os amores impossíveis, os problemas sociais

e políticos, a morte e o tempo, a infância e a memória, podendo mesmo partir apenas de um título (como aconteceu em *Amor ao canto do bar vestido de negro*) ou da obra de um autor, como Beckett ou Bergman. No último dia, Olga Roriz reflectiu também sobre a aplicação do pensamento de Lehmann ao universo da dança e lamentou o facto de “*não ter trabalhado consigo mesma*”. Falou ainda sobre a qualidade do seu gesto, por meio do qual foi considerada “*uma coreógrafa agressiva*”, e pronunciou-se acerca da importância do texto e da música no seu trabalho. No que diz respeito à cenografia e aos figurinos, assumiu que sempre



lhe fizeram confusão “*os espaços vazios*” e que tem necessidade de ver em palco “*homens e mulheres, e não bailarinos e bailarinas*”. No próximo dia 27 de Março, será lançado o livro relativo a esta edição da iniciativa.

Paris, Pequim, Almada – o Mundo

Se o futebol e o rock & roll movem paixões, o teatro também. Encontrámos ontem uma espectadora que não perde um espectáculo de Pippo Delbono. Acompanha-o em todas as digressões pelo Mundo. Não integra a

companhia, não tem nenhuma função: é apenas uma fã incondicional. É francesa, chama-se Poline Dumora, vive no sul de Itália, e veio de propósito para ver mais uma vez o espectáculo *A alegria*. Esteve na estreia, no Emilia Romagna Teatro,

em Bolonha, e foi à Índia, onde o espectáculo esteve em digressão. Sobre Pippo Delbono disse-nos: “*É transparente, fala do Homem sem quaisquer filtros. É um poeta da obscuridade que procura a luz. Faz um teatro da verdade*”.



Poline Dumora é poetisa

